

1921

ILUSTRAÇÃO
DO PORTUGUESA

ANTONIO



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e officinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE



Pasta dentifrica
COURAÇA

M. B. B. Teixelra
230, RUA DE S. BENTO, 236
TELEFONE 1364 — Central
LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS e AGRICULTURA**

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

PHONOLAS — PIANOS TRIPHONOLAS

(DA CELEBRE CASA LUDWIG HUPFELD, DE LEIPZIG)

Os auto-pianos da grande marca **PHONOLA**, conhecidos ha muitos anos no nosso paiz como os mais aperfeçoados e duradouros, só são incorporados em pianos **ALEMÃES** de **PRIMEIRA CATEGORIA**.

A **TRIPHONOLA**, que pode ser acionada por pedaes ou eletricamente, representa a congregação de todos os aperfeçoamentos conhecidos, e é um instrumento de

ABSOLUTA PERFEIÇÃO ARTISTICA

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL:

VALENTIM DE CARVALHO

Rua d'Assumpção, 39

LISBOA

TELEFONE CENTRAL 4282

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



MADMOISELLE DE GONTA COLAÇO

CURIOSO TEMPERAMENTO DE ESCULTORA, E FILHA DA ILUSTRE POETISA D. BRANCA DE GONTA COLAÇO

ELOGIO DA CIDADE

Pelo estio fóra, pelo estio escarlate e dionisiaco; pelo outono fóra, pelo outono fulvo e neurastenico— a cidade esteve em catalepsia, com pulsações fracas no movimento exiguo das artérias, e uma grande beatitude no idílio azul das nuvens e da agua. Mas a cidade, no inverno, tem a sua missão civilizada: a missão da Beleza e do Luxo, a missão do cançasso e da volúpia. A cidade é a Beleza, através o *élan* das creações esteticas, das audacias moraes e dos sorrisos mascarados; a cidade é o trofeu embandeirado de bisarrias, o luxo que põe, no xadrês monótono das turbas, a aza do capricho e da arrogancia; a Cidade é o cançasso, o cançasso do final do dia, do dia em que nada se fez que nos cançasse, do dia inútil e frenético, do dia indolente e inextotavel; a Cidade é a volúpia, a volúpia carnavalesca e sádica, a volúpia orgiaca e secreta; a Cidade é, assim, o trofeu maximo da vida, que nos ensinou a tornar a vida uma ficção e uma loucura heroica.

*

Mas dentro da multicromia das suas ruas, a cidade tem ainda o pequeno mundo das mulheres—das mulheres que são as *marionettes* inconscientes, das mulheres que são os abecedarios das ruas... E' olhando para as mulheres—que nós podemos sentir o espirito das ruas. Uma rua sem mulheres, é um livro sem illustrações—E' um livro triste...

Ha mulheres que são creações da Cidade, mulheres que também murcham como as modas, que também se gastam como os figurinos. Ha épocas em que se usa mais a mulher loira, a mulher-«hellen», alta e branca, com deliquios de nácara na epiderme; épocas em que predomina a calorosa tinta boémia das morenas; épocas em que é *chic* ser feia, mesmo ser feia contra vontade, ser assimetricamente feia, dessa beleza feia das mulheres e cobras de Norean... Agora, a moda de Inverno, a mulher de Inverno, ainda não foi traçada. O seu Poiret—que é a nossa sensibilidade eternamente insaciada—repousa, n'uma beatitude esquecida... Que mulher haremos nós de escolher, para o novo periodo? Na vida d'hoje, não somos nós os homens, que nos adaptamos á mulher que nos interessa—é a mulher que se adapta ao nosso tipo preferido. Se nós indicarmos esse tipo, com a omnipotencia maxima da nossa escolha—todas as outras mulheres virão á volta do modelo, para o imitar submissamente, tal qual as escravas de Cleopatra cuja mais audaciosa supplica era que a Rainha lhes deixasse copiar as suas olheiras e lhes desse um pouco dos aromas diabolicos com que estonteava os despo-tas...

E' indispensavel, inadiavel. Temos de marcar á mulher o aspecto deste Inverno—para não deixar a mulher entregue ao seu mau gosto exagerado... Mas qual o tipo a escolher, qual o modelo a destacar?

Por mim aconselhava um tipo de mulher que só existe na cidade, vibratil e satânico, com o maleficio raro da sua adolescencia inquietante: é o tipo a que já Manoel de Sousa Pinto chamou as *Benjamins*, essas mulheres-creanças, impuberes e perversas, com primaveras virgens á flôr da epiderme rósea, e um grande deliquio sensual no humido espelho esfingico das pupilas fugidias...

E falando delas, dessas mulheres *maquettes*, dessas mulheres que sabem tudo e não viveram nada, suspendo, acabo, desisto—porque são elas o melhor elogio da cidade que eu poderia fazer...

João AMEAL

A respeito da «Casaca Encarnada» em ensaios no Politeama, muito se tem conversado á porta dos cafés, á hora da má-lingua. Há dias, num grupo de gente que conhece a fundo os bastidores, alguém, com prosápias de espirituoso, dizia a proposito desta peça do illustre dramaturgo Victoriano Braga:

—«Casaca Encarnada»? Ora, meu amigo! «Camisa de Onze Varas» é que me parece!

Momentos depois, um amigo mais justo, mais convencido do talento real de Victoriano Braga comentava:

—A «Casaca Encarnada»? Ha-de ter um verdadeiro successo... Não há casaca sem «claque»...

O Chiado Terrasse está decididamente infeliz. Apezar das «premiéres» successivas, a casa continua ás moscas. Porque será, porque não será... Comenta-se o caso vivamente... Será por causa da má escolha das peças? Por causa de quaesquer más vontades?

—Qual!—diz do lado um desiludido—é porque afinal a Luz Veloso não passa duma Luz Velada...

NA Granja, num dia qualquer do mez de Setembro— O filho mais novo dum medico muito conhecido, hospedado num dos melhores hotéis desta praia elegante, tinha o estranho costume de exigir banho todos os dias, caso a que não estavam habituados os creados do citado hotel. Um dia, farto de discussões e de bulhas, desistiu do banho, ou pelo menos assim o julgaram os creados.

Um dia, porém, os hospedes começaram a queixar-se dum pronunciado sabor a sabão em todos os pratos que lhes serviam. Durante trez dias o facto repetiu-se. Não havia maneira de descobrir o motivo de tão estranho caso. Ao quarto dia porém, quando já todos desesperavam de encontrar a chave do enigma, o dono do hotel foi surpreender o filho do conhecido clinico, embrulhado numa capa de banho, a sair do reservatorio do hotel,—do reservatorio onde o cozinheiro ia buscar a agua para as suas cosinhas...

A O «Diario de Lisboa», o brilhante jornal-«magazine», agradecemos as boas palavras que teve para a «Illustração Portugueza» e para Antonio Ferro. A justiça sensibilisa-nos sempre e mais nos sensibilisa quando parte de um jornal que não costuma dar muito uso aos adjectivos...

PUBLICAMOS hoje uma admiravel poesia inedita do poeta Afonso Lopes Vieira, o grande poeta do «Pão e as Rosas», o poeta em cuja arte o Desejado existe...

O Encoberto



Ao longe, além, na bruma leve da Ilha
do encanto e ao rés das ondas na carada,
vive o Encoberto, et-rei de maravilha,
com as moiras encantadas.

Foram as moiras lindas q' o levaram
daquele areal tinto de sangue em flor,
e a boca do rei virgem desfloraram
com seus beijos d' amor.

E o Cavaleiro, ao despertar exangue
dos golpes da peleja, o Cavaleiro
bebeu no beijo esse amaro sangue
q' o retém prisioneiro...

O Heroi desconhece a dor do beijo,
e a de a sofrer, perpetuamente a amar,
agoniza e renasce de desejo,
- morre, mas devagar!

Ah! como sofre as saudades de gloria!
Ao Capitão de Cristo o amor o apouca!
Mas o beijo floresce-lhe na bocca
e ele perde a memoria.

E ao longe, além, na bruma leve da Ilha
ergue-se um ai, q' um beijo afoga e acaba.
E o Encoberto, et-rei de maravilha,
la' tem presa a nossa alma...

1919

Alfonso Lopes Pereira



Lucília Simões entrevistada pela «Ilustração Portuguesa»

A ENTREVISTA DA SEMANA LUCILIA SIMÕES

LUCILIA SIMÕES já foi entrevistada. Isso não importa. Eu vou entrevistar Lucília como quem vai assistir a uma *première*—a uma «*première*» da sua personalidade... Os grandes actores são diferentes em cada peça—como são diferentes em cada entrevista...

O seu talento é um guarda-roupa de almas. A Vida dos grandes Artistas é sempre o ensaio geral da sua Arte...

Não se veja nas minhas palavras uma insinuação á inconstancia das opiniões de Lucília, inconstancia que não notei. Parti apenas do principio que ela tem o segredo de ser diferente. Ser diferente é hoje o maior triunfo. Ser diferente dos outros é belo mas é humano. Ser diferente de si proprio é sobrehumano. Os que se repetem, na Arte ou na Vida, são os plagiadores, os que vivem dentro de si como num carcere sem luz...

Lucília Simões recebe-me na sua casa do Alto de Santa Catarina, uma casa que é um museu de recordações, uma casa forrada com o passado, uma casa onde os retratos contrascenam uns com os outros, onde os retratos da outra Lucília, sorridentes, quasi ironicos, fitam esta Lucília como quem fita uma intrusa, como quem fita uma rival...

Lucília Simões conquista-nos, ao primeiro contacto, com a alegria do seu rosto, um rosto vivo, barulhento de linhas, um rosto onde ha mil rostos, onde a testa, os olhos, a boca têm uma vida propria. A boca de Lucília, acima de tudo, impressionou-me.

É uma boca que sorri, uma boca que nos olha, uma boca sardonica, que nos ameaça, que está sempre de sentinela á sua sinceridade...

—Todos lhe tem falado—começo eu—do seu passado, do seu passado admiravel, mas passado, entretanto... Eu não lhe falarei dele. Para alguém que está vivendo, em plena gloria, a hora que passa—acho impertinente, quasi incorrecto, falar-lhe das horas que já lá vão. Uma grande actriz não tem passado. O passado é a grande desculpa dos que falam...

—Estamos absolutamente de acordo. Eu tambem não tenho saudades do meu passado. As proprias peças do meu antigo repertorio, vou creá-las novamente, vou representá-las como se fosse pela primeira vez. Sinto agora, á distancia de alguns anos, que as minhas interpretações não estavam absolutamente certas. Eu lembro-me de mim como duma estranha, como de alguém que tinha um grande sonho que só agora vai realizar...

—Ao fim de doze anos de ausencia o primeiro contacto com o publico não a perturbou?...

—Pelo contrario. Senti-me senhora de mim, como nunca.

—Senhora de si e do publico...

—Não imagina como me sinto diferente: mais tranquila, mais serena, menos sincera...

—Menos sincera?...

—Sim... Antigamente eu entregava-me demais aos papeis, prejudicava, por vezes, as interpretações,

com excesso de sinceridade; fazia chorar todos os meus personagens... Calcula lá o que seria o quarto acto de «Uma mulher sem importância» na minha primeira fase. A intenção de Wilde ficava afogada em lágrimas...

—Prefiro a sua orientação de agora. Não nos devemos entregar a ninguém—nem a nós próprios...

—Não interprete malas minhas palavras. Eu vibro menos. Sinto, porém, que o publico vai vibrar mais. Atenta ao que faço, menos sincera, eu vou dar ao publico uma maior impressão de sinceridade. Agora estou eu ansiosa por saber como vou interpretar o terceiro acto da *Zazá*.

—A Lucilia está á espreita de si propria... Acho curioso. Parece-me, no entanto, haver uma certa contradição entre esse *rendez-vous* que se marcou com a *Zazá* e as suas teorias de Arte premeditada...

—Uma contradição aparente. A minha premeditação é simultanea com a realisação. A minha alma premedita. A minha intelligencia realiza.

—Gosta do personagem que interpreta na peça de Wilde?

—Muito... principalmente quando a personagem me deixa ser eu.

«A scena do quarto acto faço-a só para mim, esquecida do publico que eu adoro, faço-a como se eu me pudesse beijar...»

—Eo papel que vai interpretar na peça de Tito Arantes? E' um papel dramático, intenso?

—E' um papel quasi dramático, um papel quasi de alta comedia, um papel—quasi... Olhe meu amigo... Desta vez, mais do que na peça de Wilde, vou fazer o papel duma mulher sem importancia...

—Tem mais originaes portugueses?

—Uma peça de Vitoriano Braga, «A Casaca encarnada», peça que vai afirmar um grande dramaturgo, e uma peça em verso de Orsini Miranda, «Bernardim Ribeiro». Eu nunca tive repugnancia alguma em levar originaes portugueses. Quando entrei para o teatro não levei nenhum original porque estava escripturada e só podia interpretar os papeis que me distribuam. De resto, em Portugal, não acontece o que acontece em França. Não ha autores que escrevam peças para os actores...

—Todas as grandes peças são para os grandes actores.

—Bataille, no entanto, pensa sempre em Ivonne de Bray...

—Ivonne de Bray é uma creação de Bataille. Ele não escreveu as suas peças para ela. Ivonne de Bray é que foi escrita por ele para as suas peças...

—Bataille interessa-me. No entanto, prefiro Bernstein.

—Bataille é o dramaturgo das palavras; Bernstein é o dramaturgo dos gestos...

Sinto que vou interpretar Bernstein como nunca interpretei. A vida é um segundo acto de Bernstein. Eu já representei esse segundo acto. Estou, portanto, habilitada a representar todo o teatro de Bernstein...

—A Vida é a Escola de Arte de Representar...

—Sim...

Eu só comeci a compreender como se representava quando saí do teatro. No teatro, como já lhe disse, não representava, era sincera...

—A Lucilia devia aproveitar o seu prestigio para impôr ao publico o teatro intellectual. Não se deve esquecer de que foi a primeira actriz que representou Ibsen entre nós...

—Como a minha mãe foi a primeira que teve o arrojo de interpretar Zola...

Lucinda Simões, a gloriosa actriz, uma grande atriz que é tambem uma grande autora, a autora dos dias de Lucilia, tem ouvido o nosso dialogo...

go, pretendendo apagar-se, pretendendo esconder-se, espectadora entusiasmada do triunfo de sua filha... Lucinda Simões é tão grande que não consegue o seu fim. A sua presença impõe-se sempre. O seu lugar jámais é na plateia. Lucinda Simões, na sua linha senhoril, nos seus olhos teatraes, na sua voz espaçada e plena de intenções, tem sempre um primeiro papel, mesmo quando esse primeiro papel não lhe é distribuido. Eu entrevisto Lucilia com remorsos de não entrevistar Lucinda, como entrevistaria Lucinda com remorsos de não entrevistar Lucilia...

—A peça de Wilde parece não ter sido compreendida... O publico ficou longe da intenção do autor...

—Não diga mal do publico, do meu querido publico...—atalha Lucinda—. O publico é o critico que eu



Doas grandes actrizes

mais respeito. A peça de Wilde tem sido bem recebida. E é curioso. O publico de domingo é quem melhor a percebe...

—O povo tem o instinto do paradoxo. Bastará dizer-se que ele constroee sempre com a intenção de derrubar...

—Adoro o nosso publico—diz-me Lucilia—Que saudades eu tinha dele. Devo-lhe as horas mais felizes da minha vida...

—Gosta dos actores portugueses?

—Gostei... Em Portugal houve grandes actores. Hoje...

—Hoje?

—Hoje vai-se para o teatro como quem vai para

—Eu fui a unica actriz com quem Duse conviveu quando esteve em Lisboa. Quere ver o retrato que ele me ofereceu?

Lucilia Simões liberta, duma moldura carinhosa, um retrato da Duse, amarelado, outonal, um retrato folha seca, um retrato cinza... Nas costas da fotografia Eleonora Duse escreveu esta dedicatória amiga, enternecida: *Chère Mademoiselle. Tous mes souhaits.—et à vous, tout ce que vous rêvez dans la vie et dans l'Art. E. Duse 1898.*

E' tarde. Aproxima-se a hora do ensaio. Lucinda Simões inquieta-se, teme não ser pontual... Prepara-me para sair. Olho Lucilia pela ultima vez. Leio-lhe nos olhos, no sorriso, na boca, leio em todas as le-



A hora do almoço

uma aventura. Não ha talentos, ha habilidades... Depois, uma grande falta de cultura... Que admira? Saem quasi todos do Conservatorio.

—Pelo que vejo tambem detesta a Arte oficial...

—Não a compreendo.

—Tem razão. Onde ha Arte oficial não ha artistas, ha operarios do Estado... E das actrizes estrangeiras qual prefere?...

—A Duse, a grande Eleonora Duse, essa extraordinaria actriz que se serve do teatro para afirmar o seu genio, o seu genio creador... As peças que ela tem representado podiam chamar-se todas «Eleonora Duse...»

—«Eleonora Duse» por sua vez é a maior tragedia de Gabrielle d'Annunzio..

tras do seu corpo, como cigana na palma de certa mão, um grande futuro, um futuro que para ser grande não precisa de exceder o seu passado, não precisa de exceder o seu presente... Lucilia não é uma actriz de ontem, como caluniosamente muitos afirmam. Lucilia Simões é uma actriz que muda de epoca como quem muda de scenario. Palpita-lhe nas veias o ritmo da vida que passa. Com esse ritmo ela será de todas as epocas. Lucilia Simões deixou de representar mas não deixou de viver. Viver, viver, intensamente, é um drama constante. Lucilia Simões, quando representa, vive, vive defronte do publico como defronte do maior amigo. A Arte é a Vida, a Vida de todos os Artistas...

ANTONIO FERRO

(Clichés Garcez)

AS QUATRO ARTES NO TEATRO DOS CAMPOS ELISIOS



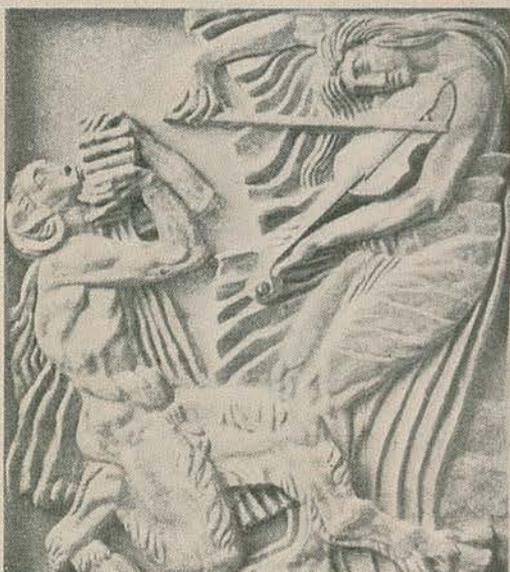
O espírito do baile



O espírito da arquitectura



O espírito do drama



O espírito da música

Os relevos reproduzidos nesta pagina, obra do escultor Bourdelle, representam as quatro artes que tem culto no «Teatro dos Campos Elísios». Bourdelle foi uma das figuras mais discutidas da Arte Moderna. Hoje é um dos maiores escultores da França e de todo o Mundo.

Na Escola Militar de Aviação



O Sr. Presidente da Republica dando a direita a viuva e à filha de Oscar Monteiro Torres e acompanhado pelo Chefe do Governo, Ministro da Guerra e alguns officiaes da Escola

NA Escola Militar de Aviação realizou-se uma sessão de homenagem à memoria de Oscar Monteiro Torres, o Guyner português, como o classificou o poeta Augusto Casimiro. Essa homenagem sim-



ples e tocante impressionou todos aqueles que assistiram a ela. Oscar Monteiro Torres viverá na memoria de todos os portugueses como um dos mais altos exemplos desta raça de heróis.

Durante a sessão. O sr. Presidente da Republica, tendo à sua direita a viuva e filha de Oscar Torres

(Clichés Salgado)

HOMENAGEM A UM HEROI



OSCAR MONTEIRO TORRES

Retrato à pena de Joaquim Guerreiro oferecido pelo SECULO à Escola Militar de Aviação

O ULTIMO NEGOCIO DUM JUDEU

(Ao AGRO)



TODOS os dias, á mesma hora, oito e tres

quartos da manhã, pai e filhos, se apeavam do «carro americano», na Rua dos Ingleses, á porta do estanco que servia de estação á carris do Porto, mesmo pegado á Igreja de S. Nicolau. Com

as suas pernas de cegonha trepavam a congosta que rentá a Igreja d'oiro e o Palacio da Bolsa, para mergulharem na invia escuridade da Rua de Belmonte. Dobrada a esquina, sumiam-se no frio portal de severas almofadas verdes, dum daqueles moveis seculo XVIII, outr'ora palacêgos e ora ao serviço do commercio, que, em contraste com a pedra d'armas, ostentava no cunhal a chapa amarela da firma *Otto & Filhos*.

Eram cinco filhos, todos varões, todos, excepto o Her'man que estava a estudar em Hamburgo, empregados na casa que já ia no terceiro reinado da dinastia dos Ottos. Sêcos de carnes e barbas de lobishomens, falavam pouco e mal a lingua portuguesa. Descendiam de um ramo qualquer dos paizes centrais mas, pela pronuncia arvezada, passavam por ingleses. Esse travo era, no anceano Burgo de mercadores, um bastante atestado para abertura de crédito. Demais, *Otto & Filhos*, a par da respeitabilidade, tinham os habitos de quantos ingleses, desde a Bandeira ao Cabedelo e aos longes salinos de Leça, trabalhavam na praça. Viviam fóra da cidade. Lanchavam no *Manuel dos Lunchs*, entre provadores e tratantes de vinho, importadores de bacalhau, representantes de linhas de navegação e *Ship-chandlers*. A's cinco da tarde, selada a correspondencia, voltavam para o seu refugio da beira-mar, como officiaes de marinha regressados de um passeio a terra, cada um com a sua malinha de couro preto, o seu cachimbo e o seu *magazine*.

Indiferentes a todas as convulsões da vida portuguesa, presenciando os fenómenos sociais com o mesmo aquietado desinteresse com que assistiam ás cheias célebres do Douro ou ao encalhe dum vapor carvoeiro nas areias da barra, iam de tarde e voltavam na manhã seguinte, com uma precisão costumada de pendulos duma torre, alheios a que os sinos tocassem a mortorio ou a noivado.

Haveria fomes. Eles tinham o seu *rost-beef* certo. Podia haver falencias. Eles pagavam, e o que é melhor—eles recebiám os seus créditos.

Irrompeu a crise de 91.

A casa mais acreditada do que sólida, recebera o embate da crise geral, sem uma letra apontada para protesto, sem um pagamento demorado, sem uma transacção mal-sucedida. Pelo menos não constava. E não constar era continuar a ter o crédito

firmado, a confiança da praça. O chefe da casa da familia era homem de poucas falas e de muita acção. Uma noite, um amigo topou-o no cais, com a sua malinha como se fossem horas de escritorio. Ia para as dez e meia.

— Por aqui?

— E' verdade! Vou a Hamburgo, visitar o Her'man.— e com a sua malinha preta, o seu chapéu mole e o seu cachimbo saltou para um bote que o conduziu ao vapor cujas chaminés fumegantes annunciavam o proximo levantar do ferro.

A' volta de Hamburgo, o pai Otto chamou os quatro filhos, uma tarde depois do *lunch*, e disse-lhes sem comoção nem fraquezas:

— A nossa casa não está bem. Precisa de refrescar o capital. Se o pedir á praça, tenho de contar a nossa vida. Arrisco-me a não encontrar o auxilio necessario e a peorar pelo cerceamento do crédito.

— Mas nós estamos muito longe de ser uma casa falida... — atalhou o mais velho.

— Por este andar lá chegaríamos. A praça está paralisada, as falencias trazidas pela crise atingiram-nos. Ha saques a vencer breve. Não estamos prevenidos.

— O que se ha-de fazer?

— Pagar! — respondeu o Pai Otto,

— Mesmo que não haja dinheiro, não faz mal — tornou o filho mais velho — os Bancos reformam, a nossa casa nunca pediu nada...

— A nossa casa — replicou o velho — nunca deixou nem deixará de honrar os seus compromissos!

Fez-se um silencio.

O velho continuou:

— Precisamos de dinheiro. Cem contos devem chegar.

— São demais — declarou o filho segundo; e abrindo o registo das letras, extraiu uma nota: — Aqui está: 62 contos.

O Pai não aprovou e proseguiu:

— A ocasião é excelente para consolidar a casa e dar-lhe novo impulso. O commercio, que atravessar a

actual crise sem estremecimentos, é o vitorioso do amanhã. Sessenta e dois contos para os nossos vencimentos, e mais trinta e oito para dar facilidades aos fregueses, consolidam e ampliam o prestígio da firma.

— Perfeitamente! — reconheceu o mais velho.

— O meu voto! — declarou o segundo,

— E o meu! — responderam os dois mais novos,

— Bom, bom! — exclamou o velho. — Agora trata-se de receber os cem contos.

— Mas nós não temos esse saldo! — opôs o mais velho.

— Temos, temos...

Os rapazes entreolharam-se, receosos de que as preocupações comerciais houvessem toldado as idéias do velho.

— Podem levantar-se facilmente... tornou a lembrar o mais velho.

— Isso era remanum redemoinho! — asseverou o pai.

Os filhos calaram-se.

— Tenho o seguro de vida. E' de cem contos... — disse Otto.

— Para isso é preciso que o Pai morra... — obtemperou o filho mais velho.

— Pois já se sabe que é preciso que eu morra — concordou, sem a menor turvação na voz, o respeitável Otto. E ajuntou: — Mas eu morro esta noite.

— O pai está de perfeita saúde. Está forte...

— Mais forte é o mar ali nos paredões de Leixões...

— Nós não consentimos! — opuzeram os filhos.

— Quem é aqui o chefe da casa?... — E como ninguém se atrevesse a contestar: — Fiz uma transacção, a casa precisa de dinheiro, eu não faço falta, vocês estão criados, o que falta é dinheiro

— O Seguro — afirmou o filho mais velho — se souber que é suicídio, não paga.

— E quem lh'o ha-de dizer? Vocês? O amor a uma casa comercial que vai na terceira geração tem de ser superior ao amor filial. Eu sou o chefe da casa. As minhas ordens estão dadas. Assim que eu morrer, é tratar de cobrar o seguro. Se demorar, descontem

a apolice, realizem os cem contos, paguem os saques e façam render o restante para que se saiba que aqui não se treme, com a crise. Enquanto a praça não se firmar, poucas transacções. Esperem a monção que ela vem... e mais depressa do que um afogado á praia.

Os quatro filhos ficaram-se, emmudecidos.

O Pai Otto pegou na malinha de couro preto, e recomendou ainda:

— Associem o Her'man. Logo que o negocio reanime, façam o seu seguro de vida. O comerciante deve estar sempre prevenido para valer á sua casa. Vamos, que são horas de nos chegarmos ao jantar.

Finda a conferencia, com a placidez com que no regresso do trabalho, todas as tardes desciam a Rua Ferreira Borges, saíram, tomaram o «carro americano», e uns a palestrar, outros refugindo para a leitura dos jornais estrangeiros, chegaram a Leça e entraram em casa á matematica hora do costume.

Acabada a refeição, o velho Otto saiu com o seu boné de lã, sal e pimenta, e o seu cache-nez. Por algum tempo, viu-se o vulto caminhar por um dos mólhes de Leixões afóra.



Depois, a certa altura, detido pela nortada ou por qualquer idéa subitanea, parou, enrolou o cache-nez, e continuou a caminhar, a caminhar, ora enviezando, ora a direito, vagarosamente aqui, ali velóz, quasi levado á veia, no peso incerto de quem vê mal, até que o fio da lamina com que o mólhe cortava a agua negra acabou, e a sombra humana se diluiu no ponto em que a escuriza torva da noite se confundia com o negrume informe do mar.

Quando aclarou, o cadaver do sexagenario Otto lá estava, entalado nas pedras, com o craneo fendido.

E a primeira operação de Otto & Filhos, Suc.^{ta} foi desembrulhar o cache-nez que o Pai enrolara em volta da cara, para os olhos não sabereem quando se precipitava no abismo...

JOAQUIM LEITÃO

Da Academia das Ciências de Lisboa

Ilustrações de BERNARDO MARQUES

VI — O CHIADO



"Rua Garrett" dizem as esquinas,
Mas que importa o que diz m os letreiros. . .
Chiado velho, moço, das esquinas,
Dos ourives, dos "teas" e dos livreiros.

Chiado imenso que em dois palmos cabe,
Pedacinho do mundo a palpar. . .
Coração da cidade que nem sabe,
De que é feito este encanto singular.

Espelho de mil faces que reflecte
Imagens d'uma raça em movimento. . .
. . . Corpos vibrando em doce "tête-à-tête,"
. . . Cabeleiras desfeitas pelo vento.

"Midinettes", burgueses, titulares,
Senhoras de chapéu, homens de "frak",
Poetas, estudantes, militares,
— Instantaneos flagrantés dum "kodak".

Vitrine em que os olhares das mulheres,
Tomam a forma incerta dum desejo. . .
De cada montra nascem mil prazeres. . .
Anda no ar a vibração dum beijo.

Nas montras dos livreiros, aos cardumes,
Amontoam-se ideias, ilusões;
Nas paginas dormentes dos volumes
Aquietam-se as mais altas ambições.

Numa casa de luvas, um luveiro,
Afaga as mãos duma cliente rica,
Mais acima o visinho sapateiro,
Envolve um pé minúsculo em pética.

E o film inalterável, continúa. . .
Carruagens que descem, luxuosas,
Automoveis tomando toda a rua,
Peles caras, arminhos e raposas.

À porta da "Garrett", dum "Rolls-Royce",
Uma elegante desce. A orquesta então,
Os primeiros compassos do "My choice"
Chegado há poucos dias a Lisboa,

Ali perto — canteiro da cidade —
A alma dos jardins, cativa, dorme.
Uma rosa desfaz-se em claridade. . .
Murcham avencas sob um cacto enorme.

Sobre um veludo roxo de bom tom,
Pó de arroz e perfumes de "Coty",
"Rouge Dorin", "baton" crème "Simon"
Num raro "pête-mêlé dernier-cri".

Na loja de brinquedos — um cartáz
Para os olhos purinhos dos bebês —
Um palhaço com ares de Ferrabraz
Faz as delicias dum menino inglês.

Nas vitrines as joias são punhais.
As pedrarias ferem como balas. . .
Ha fluidos perturbantes e sensuais
Na brancura perversa das opalas.

"Rua Garrett" dizem as esquinas,
Mas que importa o que dizem os letreiros. . .
Chiado velho, moço, das esquinas,
Dos ourives, dos "teas" e dos livreiros.



FERNANDO DE CASTRO

Ilustrações de Bernardo Marques

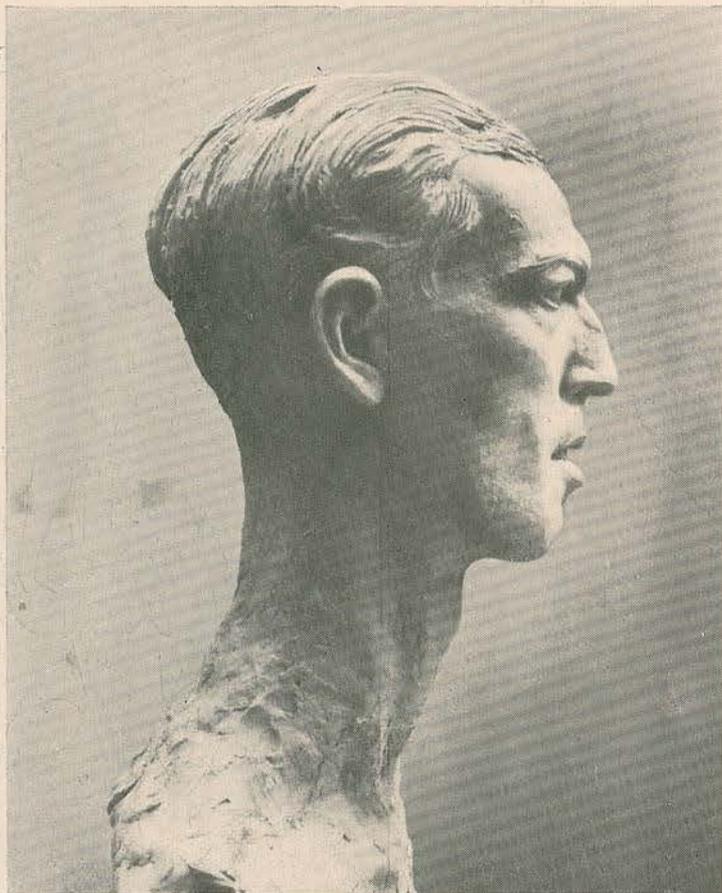
Um Artista Português no "Salon d'Automne"

AMANHECERA a cidade, cheia de frio, a tiritar, esfregando as mãos e dando corrinhas para aquecer, palmilhando, pisando neve, muita neve, muito branca, muito fria. Paris, *cocotte et coquette*, acordara toda empoadada. A geada fôra forte e só agora começavam as arvores a pingar longas gotas de foléca, estalactites de manjar cristalizado.

Quando atravessei o *Champs de Mars*, dir-se-ia que grossa toalha de feltro cobria tudo.

Até a Torre Eiffel estava enfarinhada. Paris, alegre quando néva, é uma *pierrette* no carnaval. O peor é que o frio corta e na rua géla-se. Tomei o primeiro *taxis* e fugi a aquecer-me no Grand Palais. Cá fôra, junto ao monumento de Chopin, um velhote maniaco deitava migalhas de pão aos pardais, que em chuva e friorentos lh'as vinham quasi tomar aos dedos. As costureiritas saltitavam, envoltas em capas e escondendo a metade da mascara. Agora as mulheres, diabos do Paraíso, com o frio, são como os arabes; apenas mostram os olhos e estes nos bastam para nos endoídecere. *Camelots* vendiam jornais com criticas ao *Salon*, e pregoeiros ofereciam revistas e catalogos.

Transposta a enorme grade, vigiada por policias e defendida por porteiros agaloados, como tesouro oficial eis-me, monoculo em riste, emoção á cuca, esperteza alerta, rodopiando perante estatuas, estatuetas e estatuallhões, rindo duma melancia de bronze onde uma familia inteira e acorçada se abraça, observando uma ou outra figura mais perfeita, catrapiscando de esguelha os varios *poilus* de gesso e embasbacando deante dum grande navio, que não sei porque carga de agua ou de laracha ali veiu parar em exposição.



O busto do pintor Manuel Jardim

(Francisco Franco)

Arripiado, porque ali ainda fazia frio, frio de neve e frio de gesso, galguei a escadaria da direita e logo no cimo, na galeria em circulo, junto de descomunais e patuscos quadralhões (ainda que este ano o «Salon d'Automne» esteja pensante, sisudo e burguês), ao lado de varias outras esculturas deparei com o retrato em gesso do meu amigo Manoel Jardim, o pintor querido que depois de ter aristocratizado a côranda agora a aristocratizar a linha, retrato extraordinario que me chocou e me

levou a curiosidade a procurar-lhe a paternidade, curiosidade que eu bem digo pois fui descobrir o nome de outro compatriota, o de Francisco Franco, o escultor madeirense cujo valor ha muito revelado se tem evidenciado ultimamente em varios monumentos, o escultor do meu agrado e da minha admiração, o escultor das realidades e dos simbolos, honra do Portugal futuro, orgulho do Portugal presente.

Com Francisco Santos e Ernesto do Canto, Francisco Franco completa a trindade dos modeladores saídos ultimamente da Escola de Lisboa. Com este busto e outro de mulher, «Uma Polaca», que logo ao lado descortinei, Francisco Franco conquista mais uma vitória, pois pouca é a escultura boa este ano no «Salon», e da melhor estes bustos estão na vanguarda. O busto do pintor Jardim, duma técnica larga e bem procurada, cheio de carácter e belamente construído, é para mim, o melhor trabalho até hoje realizado pelo autor, ainda que, ha pouco tempo eu tenha visto no seu «atelier» outros trabalhos mui dignos de espanto, entre os quais duas «maquettes» de monumentos, creio que para a Madeira, uma a Gonçalves Zarco e outro á Virgem. A Francisco Franco falta-lhe a sobriedade que a

sua nobre arte exige, mas esta só costuma chegar com longo labor, e Franco ainda vae nos entusiasmos dos trinta anos. Em compensação a sua dedada é já tão firme e os seus olhos vêem tanta fórma, que estou certo que o artista será sempre um dos primeiros, por ser dos mais exigentes. Infelizmente de Rodin abandonou-o e ei-lo num caminho mais seu, decorativo e rude, quinhentista no Busto de

Catado, esquadrinhado, rebuscando o catalogo, de, traz para a frente: e do começo ao fim, o unico nome luzitano que encontrei no *Salon* de Outono foi o de Francisco Franco. Todo o resto do certamen vi, estudei, meditei sem que Portugal me voltasse a fazer cócegas na saudade. Do mais não falo, pois, desde que um português se deu presença, justo é que só dele digamos no momento.



Busto duma polaca

(Francisco Franco)

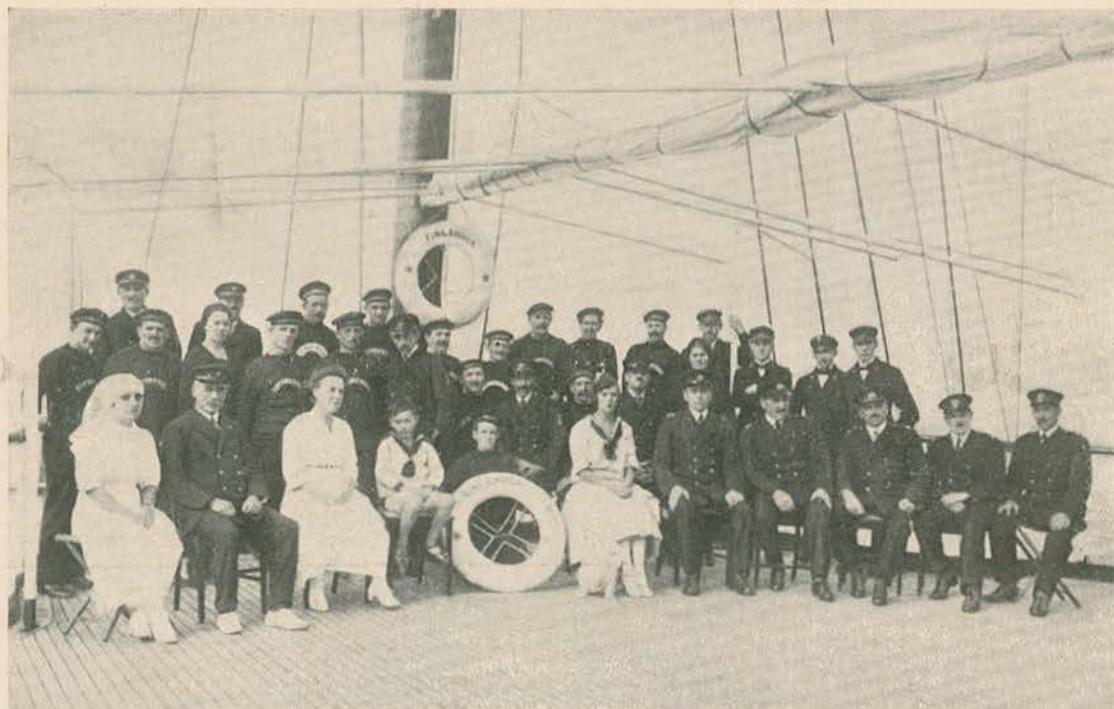
«Uma Polaca», realista no do «Amigo», pessoal nos dois, arrojado, completo. Qualquer d'estas obras do nosso pensionista é digna de figurar num muzeu, e pena é se o mestre Columbano lhes não deita mão, pois como blocos de escultura são dos melhores que unhas portuguesas teem modelado nos ultimos tempos.

Quando sai do *Salon*, quente pelo entusiasmo e pelos caloriferos que por um triz me faziam sono, bemdisse o frio que antes apanhara, e na minha *réverie* mem sequer notei que cá fóra ainda a neve polvilhava os *boulevards*.

Paris, Nov. 1921.

DIOGO DE MACEDO

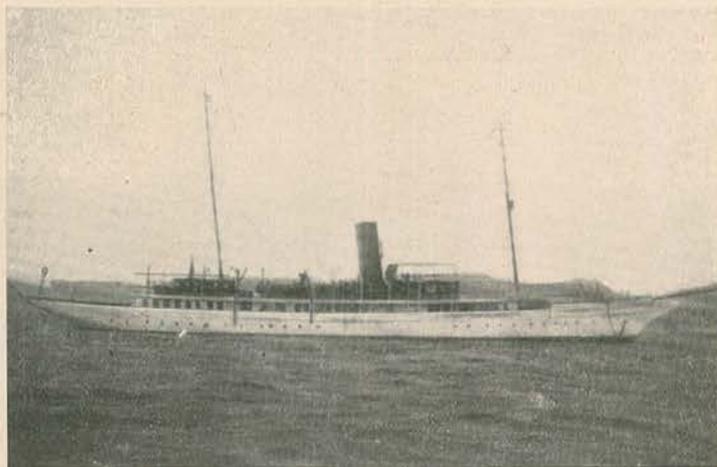
O HIATE «FINLANDIA»



A milionaria Madame Heriot, proprietaria do hiate de recreio Finlandia, ex-Paradis, em excursão pelos portos europeus, rodeada pela tripulação do seu hiate



Madame Heriot conversando com o sr. ministro da America, ao embarcar para bordo



O hiate Finlandia

É na rua de Santo Amaro á Estrela, num vasto edificio cinzento com muitas janelas, todas guardadas de rotulas, que, deixando entrar o ar, põem obstáculos aos olhares curiosos, mas que tambem impedem a visita franca e vivificadora do sol. A fachada, assim, no seu ar tranquilo e quasi severo, está em perfeito contraste com a vida interna do estabelecimento, todo povoado de avessitas chilreantes, respirando alegria, a alegria da idade infantil que é sempre a mesma, abandonada ou cheia de conforto.

O portão largo está entreaberto. Entro e digo ao porteiro o fim da minha visita: colher umas notas interessantes, sobre as origens e vida actual do Albergue, para oferecer aos leitores da *Ilustração Portuguesa*.

Uma participação immediata á Sr.^a Regente, D. Elisa de Sousa, franqueia-me a visita, em que fui acompanhada pela sub-regente, D. Elisa de Sá Pereira, e pela ajudante da regente, Alice Xavier, uma antiga albergada, que muito gentilmente me facilitaram a tarefa.

O predio tem tres andares e foi habitado pelo grande estadista da monarchia Fontes Pereira de Melo. Eu logo vi que era moradia de gente *d'algo* como dizem os nossos vizinhos ou de «familia de tratamento», no dizer significativo dos sublocadores de casas e quartos.

No segundo e terceiro andar ficam os dormitorios, amplos e muito lavados, onde se destaca a brancura dos leitos.

No primeiro, os refeitórios, a sala de abluções, o

Lavatory, com todos os confortos da hygiene, e a cosinha, onde duas albergadas fazem a comida, que nos pareceu abundante e apetitosa. É uma boa medida adotada pela direcção, esta de confiar os serviços domesticos ás albergadas mais velhas, que deste modo se habilitam a ganhar a sua vida em casas particulares, ficando ainda assim sob a vigilancia do Albergue até aos 18 anos.

No segundo andar, visita-

NO

ALBERGUE DAS CRIANÇAS

ABANDONADAS

UMA GRANDE INICIATIVA PARTICULAR

mos tambem a capela, onde se dizem missas de aniversario da morte de algum bem-feitor e, ás vezes, missas de festa, como pelo Natal e Pascoa. Não se impõe ali a religião ás crianças, mas respeitam-se as crenças que elas trazem da sua vida familiar.

A Nossa

Senhora do Carmo, que está no altar da capela, tem uma historia interessante e está em harmonia com a designação dada a esta casa de caridade.

É uma abandonada tambem.

Alguem, que trazia esta imagem do estrangeiro, recusou pagar os direitos alfandegarios e deixou-a em deposito. Num feilão da Alfandega, foi parar ás mãos de um ferro-velho, que por sua vez a vendeu á direcção do Albergue.

Coincidencia curiosa do destino.

No rez-do-chão entramos na sala das sessões, onde as paredes estão completamente cobertas com os retratos de socios e bemfeitores.

Reconhecemos, no conjunto, o Dr. Manuel d'Arriaga, Conde de S. Marçal, Silva Graça, Dr. Alfredo da Cunha, Antonio Palhares, Teófilo Braga, Santonilo, Machado Correia e o antigo chefe Morgado, hoje secretario particular do Sr. Comandante da Policia.

Chama-nos ainda a atenção um exemplar de *O Seculo*, de 28 de Julho de 1900, com o retrato da primeira albergada, Maria Clotilde, hoje falecida, exemplar que relata a inauguração do Albergue e que se conserva cuidadosamente emmoldurado.

O Seculo foi o mais extremoso campeão da causa

das creancinhas e foi nas suas colunas que appareceu o primeiro artigo de propaganda, assinado por José Maria dos Santos (Santonilo).

Nos terraços, onde algumas creancinhas brincam alegremente, muito asseadinhas nos seus bibes de riscado, fez a direcção construir um anexo, onde são as aulas e a enfermaria.

Esta dependencia tem todas as comodidades e é muito batida pelo ar.

Ali se re-



Mercedes Blasco no Albergue das Crianças Abandonadas, acompanhada pelo chefe Morgado e pelo ex-policia Andrade.

colhem umas dez doentes, carinhosamente tratadas pelo dr. Nuno Gusmão e assistidas pela enfermeira Sara Martins, também antiga pupila do Albergue.

Ainda ali estão algumas creanças levadas pelo Dr. Sidonio Paes.

Terminada a minha visita, mostrei desejos de conhecer o antigo agente de policia, Joaquim Augusto Andrade, para ouvir dele proprio a historia da fundação do simpatico estabelecimento. Não estava no edificio, mas por felicidade chegava quando eu saía.

— Ora ainda bem que veio. Eu sei que V. foi um verdadeiro apóstolo do bem e queria que me dissesse algumas palavras sobre a sua obra.

— Isto foi uma coisa muito simples e que eu nunca esperei que viesse a dar um resultado tão grandioso.

«Era eu ao tempo ordenança do Dr. Leça da Veiga, no comissariado da Estrela.

«Um dia ficaram 4 creanças orfãs na vizinhança. O meu comissario colocou tres, que eram as mais bonitas, em casas particulares, e a quarta ninguem a quiz, por ser muito feia. Então eu meteu-me aquilo dó e levei a pobresita para minha casa.

«Minha mulher lamentou-se a principio, por lhe levar quasi um monstrosinho de fealdade, mas depois foi-se habituando ás suas feições e queria-lhe como filha. Daí por deante, criança que apparecesse abandonada era mandada para minha casa, pelo chefe Morgado, que é a alma da instituição actual, como foi um dos mais entusiastas fundadores.

«E depois os meus protegidos foram aumentando, até que cheguei a albergar em minha casa 34 creanças».

— Como podia V. alojar e sustentar tanta gente?

— Arranjava-me, como podia; quando ha boa vontade, até parece que tudo rende mais.

«O Governo Civil dava-me 5000 réis por mez, para cada creança, e eu cá punha o resto».



No dormitorio do Albergue

«Foi então que alguns benemeritos, dos quaes já V. viu os retratos, se juntaram, para dar expansão á obra humilde de um pobre diabo como eu, e começaram promovendo beneficos, quêtes, festas, até chegar ao resultado de hoje. Foi um trabalho insano, mas que me enternece, por ver que daqui já sairã homens de valor e que ocupam na hora presente logares de destaque.

— E vive com desafogo, o Albergue?

— Desafogo relativo ás difficuldades actuaes, mas não temos tido necessidades, graças ao espirito providente do Sr. Morgado, que é um administrador modelo. Temos bastantes socios e tivemos dois legados, muito importantes. Um de quarenta contos do Conde de S. Marçal, que costumava visitar as creanças e a elas se afeiçoou, e um de cinquenta contos de um membro da colonia israelita, o negociante Bensaude.

— Ainda ha boas almas por ai.

— Pois sim, mas temos perdido muitos socios e se não fosse a administração do Sr. Morgado estaríamos passando um mau bocado. Se ele nos faltasse nem sei o que seria de nós.

E enquanto falava, este filho do nada, este humilde, que tão bem compreende a caridade, tinha os olhos rasos de lagrimas ao evocar o começo difficil da grande obra que hoje aí vemos, que prova o quanto póde uma iniciativa particular bem organizada e disposta a vencer todos os obstaculos, para chegar ao almejado fito.

Honra ao velho apóstolo da religião do bem, e honra aos que lhe aproveitaram a idea, para desenvolver-la e torna-la numa obra sublime de protecção á infancia desvalida.

MERCEDES BLASCO



Um grupo de asiladas

(Clichés Salgado)

MEMORIAS DE SUA ALTEZA O DUQUE DO PORTO

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SENHORA DUQUEZA DO PORTO

(CONTINUAÇÃO)



Visita de Guilherme II, Imperador da Alemanha, a Sintra

(Cliché Salgado)

POR ocasião do assassinato de D. Carlos, D. Afonso não estava á chegada do vapor do Barreiro, mas appareceu de automovel, quando já se ouviam tiros, conduzindo-o com a mão esquerda e trazendo na direita um revolver. Como de costume, compreendeu tudo á primeira vista; saltou do carro e correu atraz da carruagem real, dando tiros e metendo-se entre os assassinos sem pensar no perigo que corria. Foi ele que aconselhou a seu irmão D. Carlos a que trouxesse sempre o seu revolver pois bem sabia o desassocego politico que reinava em Lisboa; por isso, quando o medico examinou D. Carlos e disse, ao ver a caixa do revolver vasia:

— El-Rei nem mesmo estava armado!

D. Afonso replicou imediatamente:

— Isso não pode ser, trazia um revolver carregado.

Procuraram na algibeira do sobretudo do Rei e de facto ali o encontraram. A mão inerte do monarca ainda descansava sobre ele.

D. Afonso não prestava atenção aos assuntos publicos. D. Carlos prestava, mas leigo nesses assuntos, fazia o que lhe diziam.

O Infante era raro zangar-se, mas quando isso acontecia perdia a cabeça e todos ficavam aterrorizados. Ao ver o massacre de seu irmão e de seu sobrinho, perdeu a cabeça, e, quando, depois da morte deles, um dos assassinos apontou o revolver á Rainha D. Amelia, D. Afonso matou-o.

Foi sempre dedicado á familia, defendendo a

cunhada em toda a parte. Quando ouvia dizer qualquer coisa menos respeitosa a seu respeito na rua pela populaça (como muitas vezes aconteceu, infelizmente) considerava isso como ofensa pessoal e obrigava o culpado a retractar-se.

Depois do assassinato de D. Carlos, passava as noites á porta dos aposentos onde estavam D. Manuel e a Rainha Amelia, com receio de que lhes acontecesse qualquer mal. Sabia que ninguem ofenderia sua mãe porque todo o povo a adorava. Tentava proteger a outra Rainha por sentir que ela e o filho não estavam livres de perigo, pois tinham sido tambem apontados para o morticínio.

Estava tão firme na sua idéa de conservar a familia junta, que se recusou a ficar em Lisboa, por ocasião do exilio do resto da familia, quando lhe propuzeram ficar ele como rei.

Era extremamente leal; não discutiu a proposta nem lhe deu uma resposta formal. Organizou a partida da familia real, tomou precauções para a sua segurança e, não lhe tendo eles dado nada da sua fortuna, foi viver para a Italia até ao seu casamento.

Sacrificou aos seus altos principios de lealdade á familia, o seu querido Portugal de que amava todas as colinas e todos os lares. Antes da partida do pequeno bote, que os levou da Ericeira até ao *yacht*, viram-no apanhar uma mancheia de terra e cascalhos, beija-la e mete-la na algibeira. Ali é que, quasi depois de dez anos de exilio, a sua amada princesa a

encontrou num papel amarelecido e com estas palavras escritas: *Saudades de «Portugallos»*. (1)

Desde o assassinato de seu irmão nunca mais tornou a ser o mesmo. Ele, até ali, tão alegre e despreocupado, parecia ter assumido uma grave responsabilidade. Já não era o elegante Infante louro, o intrepido cavaleiro, gritando o seu «arreda», o esplendido artilheiro de Queluz, o ousado bombeiro, *sportsman* temerário, o Vice-Rei, o incomparável Príncipe—apenas restava o general de divisão, grave, calmo, de cabelos grisalhos.

No dia 10 de março de 1903, pouco tempo depois da coroação do Rei Manuel, o Infante D. Afonso appareceu nas Côrtes para prestar juramento como Príncipe Real *Herdeiro do trono de Portugal*.

De pé, ao lado de seu sobrinho, o Rei, revestindo o seu uniforme de general, no meio da maior pompa, ouviu citar os seus títulos, exaltando os seus meritos civis e militares; ouviu o conde de Bertiandos, presidente da Camara dos Pares, responder felicitando o Rei e agradecendo-lhe por este acto em nome das Côrtes Gerais. Depois colocando a mão sobre os Evangelhos pronunciou as palavras sacramentais. Em seguida assistiu ao *Te-Deum* onde o Patriarca de Lisboa officiou e assim foi consagrado como Herdeiro ao Trono, ficando decretado que seria este dia considerado feriado em todo o País.

CAPITULO IV

OCUPAÇÕES PREDILECTAS

DAFONSO era extremamente habilde mãos; a sua destreza era espantosa

Dum pedaço de madeira fez um jogo de dominós, para a Princesa, sua mulher. São maravilhosamente lindos e constituem um dos tesouros dessa senhora.

Fê-los no seu quarto do palacio do Quirinal em Roma, mas mandava muita vez o seu criado particular levar todas as ferramentas necessarias á sua obra, para o Grande Hotel, onde então ouvia a Princesa, que a esse tempo ainda não era casada. Ali os marcou, aplainou, poliu e pintou.

Durante a guerra aproveitou a sua pericia como *chauffeur* transportando os feridos mais graves para os hospitais da Cruz Vermelha.

A proposito dessa condução de automoveis, lembra-me um caso: um dia em que o Infante andava de passeio com a Princesa, perdeu-se, e depois de um longo percurso por um caminho terrivelmente pedregoso, foi ter a casa de sua tia, a Princesa Clotilde Bonaparte. Ao descrever o caminho por onde viera, disseram-lhe que não era estrada, não passava do leite seco dum rio. Custou imenso a convencer a familia que ele tinha passado por ali, sem rebentar nenhum pneumatico. Mas a Princesa observou nessa ocasião que D. Afonso havia levado o carro sem um solavanco, o que ninguém mais teria podido fazer.

Aprendeu a guiar aos vinte anos, em Paris, quando o grande Lépine, amigo devotado do Principe português, era chefe da policia. Uma das recordações mais queridas de D. Afonso consistia num cacete usado pelos policiaes e que ele tinha levado, numa rusga a que Lépine lhe permitira assistir.

Caçava e remava, mas a sua grande paixão era a pesca. Tanto a Rainha D. Maria Pia como mais tarde D. Carlos, lhe ofereceram um barco de pesca, tripulado por quatorze homens robustos. Partiam de madrugada ou durante a noite, conforme o vento e o mar, e por lá ficavam um dia ou dois. Duma ocasião em que a sua ausencia durou tres dias, D. Carlos mandou procura-lo, e bem fez, porque o mar estava tempestuoso e perigoso, mas D. Afonso ria-se do perigo. Trazia muito peixe dessas expedições de que grande parte era dado aos pobres; e alguns exemplares raros que encontrou na Baía de Cascais estão expostos em diversos museus de Lisboa e outras cidades portuguesas com placas elucidativas e que o actual governo conserva com todo o cuidado

Os pescadores adoravam-no; o unico deles que sabia escrever, continuou, durante anos, mandando parabens ao Principe no dia dos anos, em seu nome e no da sua devotada tripulação.

Estes foram dias felizes para D. Afonso, dias de mocidade, passados em Lisboa, e, perto da morte, pareceu recordar-se deles, chamando os pescadores pelos seus nomes, com os olhos rasos de lagrimas. Adorava o mar e mesmo na Italia, um dos seus passatempos favoritos era ir em excursão no *yacht* dos Reis.

Estes levavam-no todas as vezes que ele assim o desejava, pois eram muito amigos dele, especialmente a Rainha Helena, que o tratava quasi como um irmão. Tambem foi com o Principe de Monaco a uma pesca muito productiva, apesar de terem apanhado

mau tempo.

Os seus instrumentos piscatorios eram objecto de grandes cuidados por parte dele e dum criado muito dedicado.

Em casa do Duque de Orleans, em Horoton, acon-teceu um criado colocar as botas de pesca muito perto do lume, depois de as limpar. Ficaram estragadas, metendo agua. Como vinham de Portugal, o país defezo, foi impossivel substitui-las e nenhuma firma europeia lhe soube fazer outras tão boas.

A leitura não o interessava, apenas percorria alguns jornais e *magazines*. Só escrevia quando não podia mandar telegramas ou ordens verbais.

Falava muitas linguas e com grande fluencia, tendo-as aprendido em criança—francês, inglês, alemão, italiano e espanhol. D. Carlos sabia sete.

Adorava a musica e vinha sentar-se sempre ao lado da Princesa quando esta tocava, e quando adoeceu, ela passava horas junto da cama, tocando guitarra e cantando. Era a unica coisa que lhe socejava os nervos, acordando logo que a musica parava. Havia uma trova em especial de que muito gostava:

(1) Sua A teza o Senhor Infante ter-se-lia esquecido de como se escreve Portugal? — N. T.

(Continúa)

O ACONTECIMENTO DA SEMANA



Destroços do aeroplano «Patria» em um dos «hangars» destruídos no campo da Amadora

(Cliché Garcez)

ACTUALIDADES



CARLOS DE HABSBURGO NO FUNCHAL. — 1. Os ex-soberanos entrando na Sé do Funchal. — 2. O conego sr. Homem Gouveia, beijando a mão da ex-imperatriz Zita

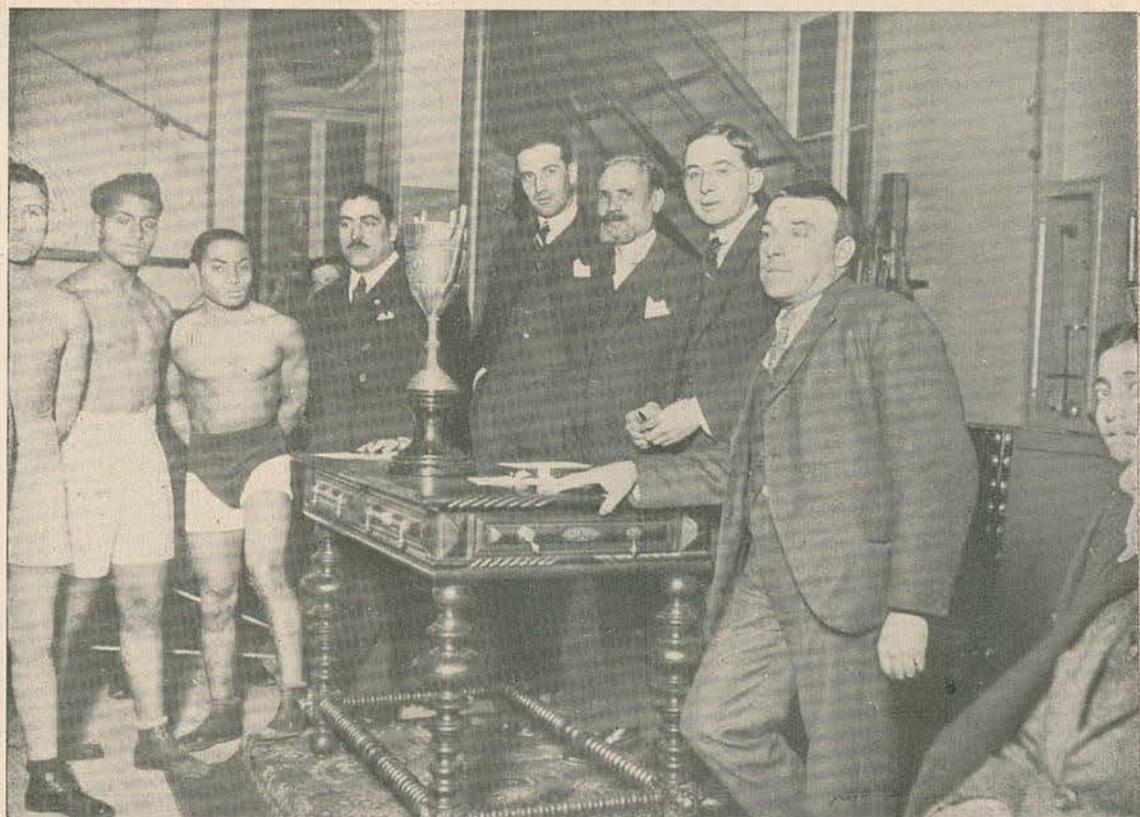


O distinto violinista Paulo Manso, que parte dentro de breves dias para Paris, como pensionista do Estado.

A gloriosa actriz Ana Pereira, falecida recentemente



CASAMENTO ISRAELITA. — Os noivos, sr.^a D. Esther Esaguy e Messed Haum de Tanger, com os ministros officiantes, srs.^o Abrahão Castel e Haum Tchaves, e alguns convidados. (Cliché Garcez)



A entrega da «Taça Seculo» à «equipe» vencedora do campeonato de «box» organizado por este jornal. (Cliché Salgado)



Uma das cenas do Amor de Perdição

O "Amor de Perdição"

O *film* português, *O Amor de Perdição*, que o Cinema Condes está exibindo, é digno de atenção, pelo assunto, pela forma como está realizado e pelo esforço que representa. Muito se tem dito sobre a questão suscitada entre a *Invicta Film* e os netos de Camilo. A última palavra, porém, ainda não foi dita. É essa última palavra que nós vamos procurar dizer. A *Invicta Film* comprou à Companhia Portuguesa Editora, por quinhentos escudos, o direito de «filmar» o *Amor de Perdição*. Os netos de Camilo reclamaram contra essa cedença de direitos, alegando serem eles os únicos que os poderiam ceder.

A *Invicta Film*, apesar de ter levado a

questão para os tribunais, resolveu não esperar a sua resolução e pagar aos netos de Camilo o que eles exigiam para a *filmagem* do celebrado romance. Não discutimos de que lado está a razão. Como quasi sempre a razão está naturalmente dos dois lados... A grande verdade é que este conflicto resultou num magnifico *reclame* ao *film* que é, sem duvida, um dos melhores *films* que se tem feito em Portugal. A memoria de Camilo nada sofreu com a *filmagem* da sua discutida obra. Os netos de Camilo receberam o que exigiram. O publico foi bem servido... Qual a razão, portanto, de tantos protestos?

